

Produtores rurais brasileiros em fuga para os EUA

Carlo Barbieri (*)

Os produtores Rurais do Brasil estão cada vez mais ávidos pelo sonho Green Card - documento que autoriza residência permanente nos Estados Unidos, mas por que?

Sem alarde, mas com muita determinação estão buscando cada vez mais se informar em como obter o Green Card via EB-5 - visto de investimento - nos EUA.

Levantamento realizado pela consultoria que presido nos EUA há mais de 30 anos - a Oxford Group - revela aumento da procura por informações sobre o processo por produtores rurais do Brasil.

O aumento da pressão do novo governo americano ao Brasil, relacionada a temas ecológicos, mas totalmente protecionista aos produtores americanos, deverá gerar, nos próximos anos, uma maior dificuldade para exportação de carne, soja e até mesmo açúcar do Brasil para os EUA.

Uma possível mudança no prazo de espera para obtenção do green card via EB-5 - elevando o prazo atual de meses para 10 anos - além da chance de não renovação do projeto pelo Congresso americano, tem sido algumas das razões que motivam um número cada vez maior de produtores rurais do Brasil a buscar o green card.

E a hora não poderia ser mais oportuna. Somente na Oxford o aumento da procura entre dezembro de 2020 e janeiro de 2021 foi de 30% por parte desta categoria.

Seguros para si e suas famílias, quando de posse do documento de residência nos EUA, há uma chance maior de articular a entrada dos produtos no território americano.

O cenário econômico mundial estimula ainda mais esse comportamento. A China, por exemplo, deve diminuir possivelmente a taxação contra os produtos agrícolas, o que deverá representar uma queda de preços das commodities que o Brasil exporta para o país. A guerra por espaço aos produtos agrícolas no mundo inteiro deverá se intensificar nos próximos anos.

A França, por exemplo, boicota a assinatura do

acordo entre o Mercosul e a União Europeia há muito tempo. Assim, forcem que os produtos agrícolas da América Latina não entrem no mercado europeu e preservam a sobrevivência de seus minifúndios. O tesouro francês sabe que não terá capacidade de cobrir os valores que seriam necessários se os produtos brasileiros, por exemplo, entrarem na Europa.

O que os produtores rurais do Brasil estão vendo e procurando é a possibilidade de gerenciar esse fluxo diretamente dos Estados Unidos, cuja recuperação econômica já é constante desde o último trimestre de 2020. Em janeiro, o setor privado americano agregou 174 mil novos empregos, contrariando os 50.000 previstos pelos "experts" no segundo semestre do ano.

A recuperação nos EUA chamou atenção até mesmo no segmento de hospitalidade, que contabilizou geração de mais 35.000 empregos que, mesmo estando muito abaixo dos níveis pré-pandemia, mostraram uma reação forte no setor, ainda antes da vacinação, em janeiro.

Outro dado relevante é que o ISM, índice que representa o setor industrial, aumentou para o melhor índice dos últimos dois anos e meio, mantendo uma expansão nos últimos sete meses, após o início da pandemia. Os pedidos de acesso ao seguro desemprego caíram nos EUA pela terceira semana seguida para o menor nível desde novembro, mostrando que o corte de empregos tem baixado desde o início da Covid 19.

Enquanto isso, investimentos em construção atingiram novo recorde em dezembro de 2020. Uma consequência da baixa nos juros do mortgage (financiamento hipotecário), facilitando a compra de casas. Aliás, estes juros estão tão baixos que aplicações para refinanciamentos cresceram em 59% e para novas aquisições 16%.

Um cenário de esperança que está motivando não apenas os produtores rurais brasileiros, mas investidores que sabem e confiam na força do dólar e dos EUA para recuperação rápida.

(*) - É analista político e economista. Com mais de 30 anos de experiência nos Estados Unidos, é Presidente do Grupo Oxford, a maior empresa de consultoria brasileira nos EUA (oxfordusapontocom).

Startup apoia pequenas e médias empresas nas vendas online

Entre as datas mais importantes do varejo, neste ano a Páscoa será comemorada em 4 de abril, uma oportunidade para impulsionar os resultados de pequenos e médios empreendedores que decidirem vender online

De acordo com a Kantar, no período de janeiro a setembro de 2020, o chocolate esteve presente em 90,1% dos lares brasileiros. A pesquisa aponta, ainda, que a média mensal de brasileiros que compram chocolate é de 55,4%.

Com o objetivo de apoiar os empreendedores a operar suas vendas no e-commerce, a Unbox, startup brasileira de solução de vendas online, oferece às PMEs uma plataforma completa, que integra meios de pagamentos, logística e redes sociais. De forma simples, eficiente e rápida, permite a qualquer um começar a vender pela internet em menos de cinco minutos, otimizando os resultados da Páscoa.

Para o fundador e CEO da Unbox, Bruno Pereira, ao adotar um sistema para operar no comércio eletrônico, os varejistas podem, além de aumentar a recei-



Startup de solução de vendas online oferece uma plataforma que integra meios de pagamentos, logística e redes sociais.

ta, promover uma melhor experiência na jornada de compra do consumidor. "A ausência de uma solução online aderente às necessidades do empreendedor brasileiro era uma barreira, por isso desenvolvemos uma ferramenta que democratiza o acesso ao e-commerce", explica.

A plataforma também oferece gestão automatizada com controle de estoque via painel e integração entre

fluxos de vendas, meios de pagamento e métodos de transporte. Traz, ainda, recursos educacionais (Checklist Venda Mais) que auxiliam os empreendedores na utilização das melhores ferramentas de marketing digital e redes sociais.

Segundo o Guia de Tendências pós-Covid-19 da Social Miner em parceria com a Opinion Box, 64% dos consumidores preten-

dem manter as compras na internet e nas lojas físicas; e 31% desejam comprar no e-commerce e retirar na loja. Essa continuidade de um cenário positivo permitiu à Chock, empresa especializada em chocolates saudáveis, um aumento de dez vezes no volume de vendas ao migrar para a plataforma da Unbox.

"A nossa loja virtual permitiu que nos tornássemos uma das primeiras empresas de chocolate que vendem e entregam em todo o Brasil, pois com a implementação da nova plataforma, conseguimos resolver questões logísticas e ampliar os negócios", destaca Allan Riffert, fundador e CEO da Chock. Com pouco menos de dois meses para Páscoa, a empresa aposta no seu e-commerce integrado às redes sociais como principal canal de crescimento das vendas. - Fonte e outras informações: (www.unbox.com.br).

iPhone x Ações Apple: diferença entre o investimento e o consumo

Comprar ou investir? Eis a questão. Para muitas pessoas, sobretudo as que não estão comprometidas com a vida financeira, pode parecer uma pergunta simples, porém, a escolha de comprar um produto almejado pode ter tanto peso quanto o investimento na bolsa. Quem afirma é o consultor financeiro, que participou de cursos específicos de Bolsa de Valores, César Karam.

Segundo o especialista, em inúmeras vezes, é muito melhor investir do que comprar. E para provar sua teoria, Karam escolheu comparar o custo de um iPhone, supostamente comprado em 2017, com a valorização de ações da Apple adquiridas no mesmo período. "Em 2017, o iPhone custava R\$7.700. Naquela época, o dólar estava cotado a R\$3,27, ou seja, o aparelho, em dólar, custava US\$ 2.187", explica.

"As ações da Apple são vendidas em dólar, e, em 2017, custavam, cada uma, US\$ 39,35. Logo, dividindo US\$2.187 por US\$ 39,35, a gente descobre que seria possível comprar 55 ações naquela época com o mesmo valor do aparelho", detalha. Trazendo para os dias atuais, o especialista faz uma nova projeção com base nos números atuais: dólar a R\$5,47 e as ações da Apple a US\$140,00.

"Hoje, quem investiu nas ações, em 2017, teria um lucro de R\$ 42.119 com as 55 ações compradas à R\$7.700", revela. "Já o iPhone, vendido naquela época, hoje custa, em média, R\$4.500, ou seja, as ações equivalem a quase dez vezes o investimento", conclui, ao salientar que o objetivo da comparação não é desmotivar o consumo do produto, mas mostrar o poder do investimento. A comparação detalhada está no Canal do Karam (https://www.youtube.com/watch?v=H6LeOVGMF0Y).

Três investimentos seguros para fazer durante a pandemia

A pandemia está afetando gravemente a economia do país. O número de famílias endividadas hoje no Brasil, de acordo com pesquisa da Confederação Nacional do Comércio (CNC) chegou a 67%, maior patamar da série histórica. Já o número de brasileiros desempregados, mais de 12 milhões, deve crescer ainda mais até o fim deste ano. Segundo estimativa da Instituição Fiscal Independente do Senado, a taxa de desemprego deve ultrapassar os 14%.

E a preocupação com o impacto disso na vida e no bolso do consumidor vem tirando o sono de muita gente. Sem prazos definidos de quando tudo isso vai acabar, quem ainda tem reserva financeira pode estar se perguntando: quais são as formas mais seguras de investir ou guardar o dinheiro em um cenário tão incerto? Por isso, a Sicredi Iguazu PR/SC/SP elencou quais são os três investimentos mais seguros para se fazer em situações como a que estamos vivendo.

"O momento, apesar das incertezas, apresenta diversas oportunidades para quem quer investir. O mercado de renda variável é uma delas, como por exemplo, investir em ações de empresas mais baratas na Bolsa. Mas é importante entender qual o perfil adequado e trabalhar com diversificação de carteira para mitigar riscos, para isso incluímos também investimentos de baixo risco no portfólio.

Mesmo os grandes investidores têm recursos investidos nesses produtos para se proteger", explica o assessor de investimentos da ins-



Quais são as formas mais seguras de investir ou guardar o dinheiro em um cenário tão incerto?

tuição financeira cooperativa, Tarcísio Rafael Fachinello. Saiba quais são essas opções:

1º - Poupança

Investimento tradicional dos brasileiros, a caderneta de poupança registrou, no primeiro semestre deste ano, o maior volume em depósitos líquidos de toda a série histórica do Banco Central, iniciada em 1995. Isso demonstra que os brasileiros estão mais cautelosos em meio à pandemia do novo coronavírus e redescobrimo a importância de fazer uma reserva financeira.

"A poupança continua sendo perfeita para reserva de emergência, por se tratar de um investimento de baixíssimo risco e de alta liquidez. Para quem recebeu recursos dos auxílios emergenciais, por exemplo, e tem a condição de guardar, é mais interessante trabalhar com investimentos de baixo risco, como poupança e renda fixa, tendo em vista o cenário", ressalta.

2º - Título Público Federal

Com finalidade de financiar atividades do Governo Federal e captar recursos para o financiamento de dívida públicas, os títulos públicos se enquadram nos investimentos considerados seguros. "Os títulos são o tipo de apli-

cação de menor risco do mercado. Isso ocorre pelo fato de o governo não ter histórico de dar calote" nas pessoas ou de não pagar as suas dívidas. O Sicredi, por exemplo, oferece esses ativos por meio de Fundos de Investimento", explica.

3º - CDBs

O Certificado de Depósito Bancário, conhecido também como CDBs é outra opção viável e interessante. É basicamente um título de investimento emitido por bancos para captar recursos para financiar suas operações. "São contratos entre a instituição e a pessoa com uma taxa acordada. Eles possuem um risco um pouco maior em relação às outras opções, quando falamos em risco de liquidez ou de crédito.

Por isso, prestem atenção em taxas muito altas oferecidas por algumas instituições financeiras. É importante sempre entender qual desses riscos e em que proporção estamos dispostos a tomá-los. É momento de cautela para evitar as pegadinhas do mercado, então, antes de qualquer decisão, é bom procurar uma instituição financeira de credibilidade", ressalta. - Fonte e outras informações: (www.sicredi.com.br).

Portos e aeroportos a serem desestatizados

O DO de ontem (23) publica decreto presidencial que qualifica empreendimentos rodoviários, portuários e aeroportuários para o Programa de Parcerias de Investimentos e a inclusão de empreendimentos públicos federais dos setores portuário e aeroportuário no Programa Nacional de Desestatização. A medida se aplica a 24 aeroportos (um no Amapá, dois no Rio, dois em São Paulo, três em Minas, três no Mato Grosso do Sul, cinco no Pará e oito no Amazonas).

Entre os empreendimentos aeroportuários estão os aeroportos Santos Dumont e de Jacarepaguá, no Rio; Congonhas e Campo de Marte, em São Paulo; os aeroportos Aviador César Bombonato (Uberlândia), Mário de Almeida Franco (Uberaba) e Mário Ribeiro (Montes Claros), ambos em Minas. A lista inclui, ainda, os aeroportos Val-de-Cans (Belém), Maestro Wilson Fonseca (Santarém), João Correia da Rocha (Marabá), Carajás (Parauapebas), Altamira (em Altamira), no Pará; os de Corumbá, Ponta Porã, e de Campo Grande, em Mato Grosso do Sul; e o Aeroporto Internacional Alberto Alcolumbre, em Macapá (AP) (ABR).